

Caros/as colegas, docentes e não docentes, do DI

Partilho com muitos de vós alguma apreensão sobre o presente e o futuro da Informática na UMinho, face a uma envolvente externa exigente e a constrangimentos internos difíceis.

Partilho igualmente o amor à camisola do DI, enquanto projecto de excelência, com diversas características inovadoras e diferenciadoras, impacto efectivo no tecido socio-económico e nas vidas e carreiras de sucessivas gerações de estudantes.

Tenho consciência da reduzida relevância que, infelizmente, os departamentos têm na orgânica da Universidade, sem assento sequer nos Conselhos Científicos das Escolas, contrastando muito com a responsabilidade que lhes compete na gestão de recursos e das actividades lectivas.

É neste contexto, porém, que, após múltiplas conversas com alguns de vós, entendi que deveria manifestar disponibilidade para a direcção do DI.

Pessoalmente, trata-se de uma decisão que preferia evitar. Como alguns saberão, a minha energia está muito canalizada para o projecto da UNU e, mais recentemente, para a construção de uma área de investigação e ensino em física da informação (que vai da computação quântica à interacção com sistemas contínuos). Preferiria não perturbar estes projectos com responsabilidades administrativas. No entanto, nem sempre necessidades e desejos se articulam.

O Pedro Henriques, a cujo empenho generoso e continuado o DI e a Universidade tanto devem, aceitou integrar comigo uma possível direcção, assegurando a continuidade em diversos dossiers e a minha substituição nos períodos em que estiver fora durante o ano sabático.

Nos seis pontos abaixo encontram telegraficamente as traves-mestras para o (pouco que) proponho, no caso de o departamento assim o decidir. Espero que possam ser mais que um enumerar de intenções piedosas, mas isso dependerá de todos.

1.

Afirmar o DI e os seus projectos de ensino, dentro e fora da UMinho, num contexto externo em mudança e face a diversos constrangimentos, alguns internos à Universidade, que têm reflexos muito negativos nesta afirmação.

2.

Procurar criar as condições para um diálogo sereno e construtivo em torno de um conjunto de tópicos críticos para o futuro do departamento e, mais importante ainda, da Informática na UMinho. Entre outros: a sangria de quadros; a geometria do DI e sua adequação, ou não, para futuro; a evolução endógena e exógena da Informática enquanto quadro profissional e área científica (que é, formalmente, a do nosso departamento), articulação com o DSI, etc. Teremos certamente que nos entender, mas, sobretudo, de o fazer com imaginação.

3.

Procurar sinergias e articulações do DI com os centros de investigação associados, mas também com estruturas diversas, e de grande impacto, onde os seus membros têm presença e cujo potencial pode ser mais explorado, nomeadamente o MACC, o INL, a UNU, entre outros.

4.

Rever as estratégias de comunicação do DI (portais, redes sociais, comunicação social) com uma agenda mais assertiva e sistemática.

5.

Assumir, como director, uma gestão pro-activa dos recursos humanos (que é, em rigor, o principal pelouro confiado aos departamentos na actual estrutura orgânica da Universidade). Essa postura passa pela formulação de uma estratégia a médio prazo e por um envolvimento directo em todos os concursos de pessoal docente ou não docente no DI. Mas também pelo empenho em garantir, em diálogo com a Escola e a Reitoria (num exercício sem sucesso garantido), uma gestão de recursos humanos que permita a progressão na carreira, a substituição de saídas e a aposta em áreas chave onde temos potencial, mas falta de recursos.

6.

Repensar o mapa de espaços no edifício do DI para acomodar as novas contratações e alguns bloqueios actuais que carecem de solução adequada.

(Isb, Julho, 2021)